

# A beleza do dia a dia<sup>1</sup>

## The Beauty of Everyday Life

Elisa Lucinda\*  
Tiago Zanoli\*

**V**olta e meia alguém surge com dicas para que seu casamento, por exemplo, não caia na rotina. As pessoas tendem a torcer o nariz ao ouvir essa palavra, frequentemente associada à repetição enfadonha. Isso se explica, em parte, pela própria definição de rotina nos dicionários como o hábito de fazer as coisas sempre da mesma maneira, resistindo ao que é novo.

A escritora e atriz Elisa Lucinda pensa de outra maneira. "A rotina é um padrão de acontecimentos diários, mais perto ou mais longe do meu prazer, dependendo da honestidade das minhas decisões. Ou seja, não dá para culpar a rotina pelo fim dos casamentos, como se ela fosse uma entidade", afirma, em entrevista ao "Caderno 2".

Elisa chegou ontem ao Espírito Santo e lança amanhã, em Vila Velha, seu mais recente livro, "Parem de Falar Mal da Rotina". A obra é a versão literária da peça

---

<sup>1</sup> LUCINDA, Elisa. A beleza do dia a dia. Entrevista a Tiago Zanoli. *A Gazeta*, Vitória, 16 dez. 2010. Disponível em: [http://gazetaonline.globo.com/\\_conteudo/2010/12/724524-a+beleza+do+dia+a+dia.html](http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2010/12/724524-a+beleza+do+dia+a+dia.html). Acesso em: 18 fev. 2020.

\* Escritora e atriz.

\* Jornalista e escritor.

homônima que está em cartaz há oito anos e já levou ao teatro mais de um milhão de pessoas, de canto a canto do Brasil e também fora dele.

"O que chamamos de rotina, que também atende pelo nome vida, todo dia nos ensina com sua incessante mutação", escreve a autora na apresentação do livro, na qual revela que adaptar a peça, uma obra aberta como a vida, exigiu dela uma literatura que não atrapalhasse a espontaneidade que o texto nascido no palco tem.

"Caramba! Só agora percebo que fiz o caminho inverso, pois os livros em geral é que são adaptados. Foi muito difícil e espero ter conseguido meu intento, que é preservar a conversa sem perder a literatura. Bem, vamos ver... Vocês é que vão me dizer se deu certo", comenta.

De acordo com Elisa, a peça tem uma estrutura lógica com blocos de assuntos, muito embora também seja um mosaico. A ordem desses blocos varia de acordo com a finalidade, o público ou o local onde o espetáculo é apresentado. "Eu mudo ao meu bel prazer, segundo a necessidade da ocasião. No livro, pude botar as muitas versões, e já estou cheia de histórias novas para um segundo volume".

Ela faz questão de acrescentar que, pela primeira vez na vida, conseguiu realizar um sonho literário: terminar o ano lançando um livro seu no Rio de Janeiro, em São Paulo e no Espírito Santo, incluindo seu Estado natal no grande eixo cultural do país.

Outro sonho é que seu livro entre para as listas dos mais vendidos com um componente sociológico diferente. Como assim? "Esse espetáculo tem uma carreira muito includente. Meus amigos garis, empregadas domésticas minhas e de meus amigos, o cara que enche o pneu da minha bicicleta lá no posto, garçons, pedreiros, motoristas de táxis, todos tiveram? Parem de Falar Mal da Rotina? Como o primeiro teatro de suas vidas".

Elisa observa ainda que o público pôde encontrar na peça um monólogo com conteúdo poético, mas com uma linguagem que não os excluía. "Desejo que o livro não quebre a corrente e possa também inaugurar as estantes dessa gente e, assim, representar novos indicadores na lista dos mais vendidos. Chega de fazer da arte um produto de excluir os excluídos", finaliza.

### **Entrevista/Elisa Lucinda**

#### **"Parem de Falar Mal da Rotina" é seu primeiro livro de prosa?**

Não é exatamente o meu primeiro livro de prosa, mas o primeiro de prosa de não-ficção, se é que se pode falar assim, uma vez que nele também há um pouco de invenção e imaginação. O "Contos de Vista" foi minha primeira experiência de uma publicação sem poemas. Tanto nele quanto em "Parem de Falar Mal da Rotina" há uma prosa poética costurando os conteúdos, mas a grande diferença entre os dois é que este nasceu de uma peça que, por ser uma obra aberta como a vida, exigiu de mim uma literatura que não atrapalhasse a espontaneidade que um texto nascido no palco tem.

#### **Você diz que foi um desafio escrevê-lo. Por quê?**

Foi um desafio dialogar com o meu leitor imaginário, porque efetivamente ele não está ali me escutando enquanto escrevo. Não há o mesmo vínculo, a mesma espécie de laço cúmplice que experimentamos num monólogo. Nessa peça, dentro da linguagem que desenvolvo, o público tem papel de elenco. Com ele, contraceno, a ele provoco. Recebo dele gargalhada, choro ou indiferença... mas, por sentir a temperatura na hora, ali mesmo soluciono os fluxos daquela relação. No livro não. Sem ribaltas, cortinas, luzes, sem canções, palhaçadas e todas as máscaras da comédia e do drama, tive que fazer o caminho inverso: sair do ao vivo, deixar a condição de fato cênico para virar roteiro e teoria. Caramba! Só

agora percebo que fiz o caminho inverso, pois os livros em geral é que são adaptados. Foi muito difícil e espero ter conseguido meu intento, que é preservar a conversa sem perder a literatura. Bem, vamos ver... Vocês é que vão me dizer se deu certo.

### **A peça já está há oito anos na estrada. Como faz para mantê-la atual?**

A peça tem uma estrutura lógica com seus blocos de assuntos, mas é também um mosaico e dependendo da finalidade, do público, da cidade, da empresa, eu mudo a ordem desses blocos ao meu bel prazer e à necessidade da ocasião. Neste ano, eu me apresentei para uma plateia só de juízes e desembargadores. O foco do meu trabalho é sobretudo o homem, o ser humano, então, já cheguei levantando a questão da justiça dentro de suas próprias casas. Aqueles homens e aquelas mulheres puderam refletir sobre suas vidas sob o ângulo da justiça através da tela e do espelho que o teatro é. Nesse dia, a justiça dentro da rotina foi um mote para mim. Mas se o assunto for direitos humanos e exploração infantil, vou caprichar na parte das crianças e puxar a reflexão a partir do tratamento que oferecemos aos nossos filhos, ricos ou não. Se o assunto é exploração sexual, tenho mais pena ainda da criança rica porque seu silêncio endinheirado não deixa seu grito entrar na estatística. Como você vê, não existe o texto básico fixo, mas uma variedade de roteiro que preserva os seguimentos daquilo que quero dizer. A coisa é inesgotável, e, para que a peça atinja sempre o seu frescor, estou sempre dizendo, versando, elaborando os mesmos temas de uma maneira nova. O conteúdo não é improvisado. Sei o que quero dizer, mas crio sempre uma maneira nova de fazer. Nesses anos, há cenas antológicas que nunca saíram e outras que, mesmo bem aceitas, tiveram que ceder seu lugar a novos episódios. Porque é da vida que colho as cenas. Já viu o tamanho da empreitada? O livro não tem esse problema. Pude botar nele muitas versões, e já estou cheia de histórias novas para um segundo volume.

## **O que é a rotina pra você?**

É o resultado das nossas escolhas. Não há como fugir disso. Fugir para onde? O que existe fora de nossas escolhas se os lazeres, incluindo férias e amores, também estão no conceito do que é cotidiano? Ora, minha igreja, meu sexo, meu trabalho, minha cantoria, minha poesia, meu vestido novo e meu vestido velho fazem parte da minha vida. E o que é minha vida senão o retrato de minhas decisões? O amor que dorme comigo, o modo como me sustento, onde moro e como crio os meus filhos vão produzir uma rotina, ou seja, um padrão de acontecimentos diários, mais perto ou mais longe do meu prazer, dependendo da honestidade das minhas decisões. Ou seja, não dá para culpar a rotina pelo fim dos casamentos, como se ela fosse uma entidade. Afinal quem é a rotina? Como ela entrou na casa? Ao contrário do que parece, as rotinas são particulares. A minha não é igual à sua, que não é igual à de fulano nem sicrano. E mais, pode sempre mudar. Em mim, por exemplo, desenvolvo um processo onde procuro encontrar um desfrute em toda tarefa. Se você reparar, ninguém se incomoda de fazer todo dia determinadas coisas, como almoçar, tomar banho, namorar. Então essa mesma qualidade de estreia é possível no estudo, no trabalho e no dribble que exercemos para não cair diante dos problemas que todo ser vivo enfrenta e sofre. Viver é um milagre, um risco, uma glória e jamais se repete.

## **O número de espectadores de "Parem de falar mal da rotina" cresceu, e a peça ganhou fãs-clubes e comunidades nas redes sociais Como você se relaciona com as novas mídias?**

Estou no Twitter, Facebook, no blog, no site, no YouTube. Para uma circulação democrática da notícia, é uma beleza. Neste momento, Maria Auxiliadora, minha vizinha de infância em Itaqueri, sabe tanto de meus produtos artísticos quanto minha amiga Vandinha, em Madri. Antigamente, se não saísse no jornal ou na TV, não havia onde postar nossas obras e, sem esses veículos, ninguém ficaria

sabendo de nossas ações. As novas mídias significam ações sem fronteiras, descentralização de emissão de informação e garantem a circulação do pensamento em estado de liberdade. Tenho amigos que moram em Lisboa, na França, em Moçambique e outros países que, pela internet, sabem que sou a garota propaganda do Espírito Santo neste momento. Notícia virtual não precisa de passaporte. Por essas redes, muito confortavelmente compartilhamos os projetos que desenvolvemos na Casa Poema. Ali, a gente desenvolve a arte de dizer versos aplicada às diversas funções: ao teatro, à capacitação de professores para trabalhar a poesia na sala de aula, à humanização das empresas. A Organização Internacional do Trabalho e a Casa Poema, por exemplo, realizam um programa de capacitação de policiais que muito nos orgulha neste momento. Trata-se do "Palavra de Polícia, Outras Armas". A iniciativa já se conectou com um outro programa, que é o do enfrentamento da rede internacional de exploração sexual de crianças e adolescentes. Sem essas novas mídias, essas forças levariam muito mais tempo para se encontrar.

**Quais são os seus próximos projetos? Pretende lançar uma reunião das crônicas em A Gazeta, por exemplo?**

Estou escrevendo a biografia de um grande escritor. Fora isso, estão na fila uns livros de poesia, dois infantis que eram para ter saído agora junto com a "Menina Transparente", mas as ilustrações tiveram que ser refeitas, sem contar o livro reunindo as crônicas que publico em A Gazeta, aos domingos, e no Correio Braziliense, aos sábados. Cada coisa a seu tempo. Por enquanto, tratemos de curtir os lançamentos e a carreira desse livro novo. O abençoado mal nasceu e já é o segundo mais vendido nas livrarias do Rio de Janeiro, só perdendo para "Elite da Tropa 2", que é o mesmo que ganhar. As noites de autógrafos em São Paulo e no Rio de Janeiro foram maravilhosas. Nunca tive um livro num preço tão bom, de modo que as pessoas compram pilhas de oito, nove, dez livros para presentear.

**Trecho do livro**  
***Parem de falar mal da rotina***

De todo modo, ao transitar nos labirintos aparentemente óbvios do cotidiano, podem haver fabulosos espantos na visual calmaria ordinária do trivial. Desse encanto me valho para, a partir da minha mais privada posição, visitar acontecimento do que me rodeia que por sua vez carrega sua privacidade.

Para manter acesa a chama do meu verso e o meu ofício de artista, preciso funcionar, no mínimo, sobre três pilares: o primeiro dele é o hábito de reparar. Gosto muito de reparar. Quando chego na casa das pessoas e elas me pedem: "Elisa, não repara, não", respondo: "Não me peçam isso. é mais forte do que eu". Adoro mesmo reparar. Na rua, ao ver pessoas atravessando o sinal, ali no meio da avenida Central da capital, aí fico imaginando todo mundo transando, se eu quiser. Aqui dentro da minha cabeça o pensamento é livre mesmo. É muito interessante alcançar esta liberdade, poder olhar a vida como um filme. Acho que todo mundo é capaz de perceber um script, um roteiro de cinema, de novela, um texto de teatro no beabá dos nossos dias. A gente até fala, usa este termo na vida: "Aconteceu uma cena lá em casa, minha filha". Vejo a vida então como essa obra aberta que é, cheia de cenas. Gosto de brincar de perceber no outro meu espelho em semelhança e diferença. Não sei dizer exatamente o que ocorre ao meu coração, mas desde menina que eu trago no olhar esse espanto pela vida. Um espanto bom, uma espécie de encantamento que não deserda as coisas simples de seu poder. Pelo contrário, crepúsculos vizinhos, flores, beijos, comidas, crianças, pequenos gestos e afetos, estão na mira com igual importância desde que me entendo por gente. A partir daí, talvez pela mão da poesia, as cenas humanas passaram a mais que me espantar, me comover. Minha brincadeira de adulto é desfrutar desta dramaturgia de existir como plateia e como personagem atuante na trama da vida.

Reparemos, pois: está tudo aí e nada se repete. No ato de

reparar a coisa se dá como se colocássemos uma lente sobre esse invisível que a gente despreza, este varejo do cotidiano que a gente desconsidera e trata em bloco, como se fosse mesmo um bloco só, de igual conteúdo, formado pelo conjunto de dias, que em separado atendem pelos nomes de: segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado e domingo. Cada dia é único, irrepitível e intransferível. Cada palavra dita é sempre uma estreia e uma despedida. Um gesto, é sempre a primeira e a última vez que o fazemos. Jamais voltará a acontecer na mesma realidade cronológica, geográfica e emocional em que ele se deu. No gesto de amanhã nem eu serei o que sou hoje, serei outro, como o meu gesto. Então me ponho a apreciar o mundo e esta sua inédita dramaturgia diária. Ao nosso redor o mundo desfila suas imagens e ocorrências, mas são tantos os nossos códigos e cisões que muitas vezes não acessamos esses mundos paralelos, isto é, o mundo dos outros.

Enquanto vivemos podemos, na imaginação, nos distanciar e observar o outro e ao mesmo tempo interagir com ele. Cabe ao bicho homem desenvolver e aprimorar sua visão periférica. E quando vivemos muito focados em nosso objetivo de vida, no cumprimento de nossas metas, tendemos a perder o espetáculo, geralmente gratuito, que a vida, repleta de ações nossas e dos outros habitantes do planeta, nos oferece.

Para mim, que tenho compaixão pelo homem, me comove vê-lo entrar na farmácia comprando um monte de vitaminas, porque ele quer durar neste parque de diversões que é estar vivo. Me comove a moça que passa na hora do rush na fila do ônibus. Reparando bem vê-se que ela bem poderia chamar-se Yolanda e que deve estar indo para o subúrbio, olha lá. Eu gosto do subúrbio, acho o subúrbio tão desimpedido. Acho de uma dignidade. Tem muita fofoca, mas tem gentileza e solidariedade. O subúrbio não é bom pra solidão de isolamento. Namora o Jaime às quartas, sábados e domingos. Tem seus sonhos. Como a beleza de Yolanda combina com prateleiras ao fundo, penso que ela trabalha como caixa nos supermercados. Dá-me uma súbita vontade de ir com ela, ver como vive, que música toca na casa dela, que tipo de comida, que cheiros exalam daquela culinária. Às vezes me dá isso. Vontade de ser, por um momento, o outro. Só pra experimentar a aventura de ver as coisas de outro lugar, sob o signo de outras culturas. Ora, se a imaginação me garante esta possibilidade de viajar na história que suponho, inspirada no que vejo, não vou ser boba de perder essa oportunidade. Então imagino a valer. Mentalmente, visito a intimidade de quem eu quiser. é liberdade minha, direito meu e

de todo cidadão, sem invadir, sem ofender nem ferir ninguém. Agora, quando espalhamos essa subjetividade sobre o cotidiano, podemos nos dar conta de sua inexatidão. Tudo está acontecendo a cada instante pela primeira vez, e olhos menos observadores podem viver sob a triste ilusão de que a vida se repete. Senhoras e senhores, nada é fixo e viver é transformar-se. Fixar-se é enrijecer-se e ser atropelado pela continuidade do rio da vida. Sua correnteza nos leva do passado ao futuro, pedindo de nós extrema atenção no tabuleiro do presente. Sem travar a brincadeira. Ai, o ser humano, tão bonitinho que é com seus embrulhinhos, com suas sacolinhas! Passa na farmácia, passa na padaria. Qual será o seu enredo? O que carrega, alguma homossexualidade, alguma amante, algum segredo? Vai saber. Às vezes a pessoa passa a vida no armário com seu verdadeiro eu. Escondidos, porém separados, a viver um caso de amor impossível consigo mesmo. Será ele um bom homem, honesto cidadão? Será rico, pobre, careta, doidão" é casado, tem muitas amantes" é certinho por fora e tem por dentro uma vida errante? é capaz de violências domésticas, embora seu terno seja muito elegante? Lá vai ele variando em gênero, número e grau, formando junto com os outros a comunidade dos que estão vivos neste planeta e seguem para frente. Lá vai ele, cheio de sonhos, e isso aperta meu coração. Tenho muita compaixão pelo ser humano. Também sou um.